

UM COMENTÁRIO CRÍTICO SOBRE  
O COMPORTAMENTO DO ADJETIVO DENTRO DO  
GRUPO NOMINAL EM *FASTI*, POR OVÍDIO<sup>100</sup>

*Eliana da Cunha Lopes* (FGS)

[elianalatim@yahoo.com.br](mailto:elianalatim@yahoo.com.br)

*Marilene Meira da Costa* (SEMED-RO)

[malimeira@filologia.org.br](mailto:malimeira@filologia.org.br)

RESUMO

O objetivo deste artigo é tecer comentários críticos sobre o comportamento sintático do adjetivo em *Fasti*, do poeta sulmoniano Publio Ovídio Nasón, um poema que foi escrito na maturidade. Usaremos, em particular, os versículos 285-346, em diálogos elegíacos (hexâmetros e pentâmetros), do Terceiro Livro de *Jejuns* (calendário poético), do mês de março (*martius mensis*), dedicado ao culto ao deus Marte, que, em Mitologia é o pai de Romulus e Remus. Em relação à colocação desse constituinte de grupos nominais em relação ao seu núcleo substantivo, encontramos uma relativa liberdade, o que justifica o fato de que a questão em torno da ordem das palavras latinas ainda está aberta hoje.

Palavras-chave:

Adjetivo; *Fasti* Ovídio; Grupo nominal;

1. *Introdução*

“(…), o poema intitulado *Fastos* (*Fasti*) se diferencia das demais obras ovidianas pelo tom, pelo assunto e pela possível finalidade. O tom é acentuadamente didático; o assunto é bastante original (...)” (CARDOSO, 2003: 115)

A linguagem articulada é representada pela escrita através de caracteres convencionais. A nomenclatura do latim era muito extensa, compreendendo um número grande de signos vocais denominados vocábulos, que formavam três classes distintas: uma denominava seres ou objetos (*arbor*/árvore; *canis*/cão, *pater*/pai); outra qualificava esses seres e objetos (*albus*/branco; *levis*/ágil), e por último a que denominava movimentos ou ações (*cantare*/cantar, *dormire*/dormir, *bibere*/beber), que na gramática da língua portuguesa são chamados de substantivos, adjetivos e verbos.

---

<sup>100</sup> Referente ao Texto original (em espanhol) apresentado como Comunicação no 20<sup>th</sup> International Colloquium on Latin Linguistics. Las Palmas, Canarias.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Esses vocábulos posicionam-se praticamente livres nas construções linguísticas latinas, mas, como nos adverte Marouzeau (2053), não são indiferentes:

Embora, se em latim a ordem das palavras é livre, ela não é indiferente. A escolha da construção é determinada em cada caso particular por considerações muito diversas: de uso, de sentido, de estilo, de ritmo, que é difícil de reduzir em sistema, mas que possibilita a observação de certas leis ou tendências<sup>101</sup>. (MAROUZEAU, 1953: 7)

Como se pode observar nesta citação acima, a língua latina apresentava uma relativa liberdade quanto à colocação dos termos na frase. Contudo, Marrouzeau (*Op. cit.*) sugere que a ordem das palavras envolve uma série de fatores, muitos dos quais relacionados a razões estéticas. Por isso, afirma em outra obra que “a forma de declaração selecionada, em qualquer caso dado, é a resultante destes fatores (direção, natureza e qualidade de conceitos, busca da nuance e dos destaques, razões estéticas); a dificuldade é discernir a ação de cada um deles e interpretar o jogo<sup>102</sup> (*Idem*, 1946, p. 197 *apud* BOTELHO, 2018: 18).

Corroborando Marouzeau, Botelho (*Ibidem*) demonstra, em um trabalho inédito – Tese de Doutorado –, que as diferentes colocações do constituinte periférico em relação ao seu núcleo substantivo em odes horácianas revelam interessantes aspectos estilísticos. Segundo ele, na língua latina ocorrem particularidades de colocação do adjetivo que não são encontradas na gramática da língua portuguesa, por exemplo, e a flexibilidade de tal termo sintático parece ser de caráter estilístico na produção de diferentes efeitos estéticos.

---

<sup>101</sup> “Toutefois, si en latin l’ordre des mots est libre, il n’est pas indifférent. Le choix de la construction est déterminé dans chaque cas particulier par des considérations très diverses, d’usage, de sens, de style, de rythme, qu’il est difficile de réduire en système, mais qui prêtent à l’observation de certaines lois ou tendances.”

<sup>102</sup> “On voit que l’ordre des mots met en jeu des facteurs très divers: sens, nature et qualité des concepts, recherche de la nuance et des reliefs, motifs esthétiques. La forme d’énoncé choisie dans chaque cas donné est la résultante des ces divers facteurs; la difficulté est discerner l’action de chacun d’eux et d’interpréter le jeu. On ne s’étonnera pas que, vu le complexité et subtilités que comporte cette interprétation, l’étude de l’ordre des mots soit une de plus difficiles et des moins avancée du domaine de la stylistique.”

No referido trabalho, Botelho afirma existir uma ordem natural que caracteriza uma considerável padronização, apesar de reconhecer a relativa liberdade de colocação de palavras na frase latina.

Decerto, não se deve esperar uma rígida padronização do latim quanto à sua estruturação frasal, uma vez que se trata de uma língua de declinações. A ordem dos termos na frase latina não se fazia obrigatória na língua literária, mas não se pode negar a existência de uma relativa padronização na colocação dos termos, mormente na prosa, como já constataram muitos estudiosos. (BOTELHO, 2018: 17)

Neste artigo, pretendemos demonstrar como uma dessas classes, os denominados adjetivos, se comportam num fragmento de um poema do terceiro livro dos *Fastos: a Etiologia do culto a Jupiter Elicius*, de Ovídio. O *corpus* deste trabalho será a análise dos adjetivos presentes nos versos 285 a 328, e os diferentes comportamentos quanto à ordem de tais adjetivos nos versos citados, buscando corroborar as ideias de estudiosos renomados e, em especial, Marouzeau (2053) e Botelho (2018), que afirmam existir uma relativa liberdade de colocação dessa classe de palavras nas sentenças latinas.

Entretanto, não objetivamos esgotar o tema sobre a colocação dos constituintes de grupos nominais da língua latina, mas apenas tecer alguns comentários críticos a partir da análise de como os adjetivos se comportam nos versos ovidianos assinalados com o intuito de compreender, na prática, os posicionamentos de Marouzeau (1953) e Botelho (2018) acerca do assunto.

## 2. O Adjetivo, segundo Marouzeau (1953)

Convém ressaltar que, no Latim, os adjetivos concordam com o substantivo em gênero, número e caso. A maioria dos adjetivos são declinados na primeira ou segunda declinação, em função de estarem no gênero feminino ou masculino, respectivamente; e alguns são de terceira declinação. No grau comparativo, são declinados na terceira declinação.

Os adjetivos, achando-se ligados na oração aos substantivos a que determinam, e tendo também, uma origem idêntica, apresentavam em latim um sistema de flexões estreitamente relacionado com eles, embora este sistema seja menos complexo. No referido relacionamento, formando o que Marouzeau chamou de grupo nominal, o adjetivo – termo determinante – sempre atribui ao seu núcleo substantivo – termo determinado – ou uma qualificação ou uma discriminação.

Assim, Marouzeau afirma que o adjetivo atributivo (epíteto) pode ser de dois tipos: **o qualitativo**, que exprime um julgamento de valor, fazendo “um apelo a noções comuns de grandeza, de beleza, de excelência, de consentimento, e seus opostos<sup>103</sup>; e **o discriminativo**, “que enuncia um caráter distintivo do objeto, o qual frequentemente se pode organizar numa categoria definida<sup>104</sup>”. Ainda, segundo o autor, na língua latina, o qualitativo normalmente vem antes do substantivo, e o discriminativo após o substantivo.

Contudo, o autor também fala de um valor ocasional e afirma que nem sempre tal distinção é nítida, pois um mesmo adjetivo que normalmente se apresenta como discriminativo pode assumir um valor qualificativo e vice-versa.

[...], um adjetivo empregado de ordinário qualificativamente pode tomar, se for o caso, valor discriminativo: Sal., *Catil.* 51, 27: *Vbi imperium ad ignaros...peruenit, nouum illud exemplum abdignis... ad indignos...transfertur.* (*nouum*, anteposto, não constitui senão uma simples declaração)<sup>105</sup>. (MAROUZEAU, 1953: 12)

17. Inversamente, um discriminativo pode assumir o valor de qualificativo. [...]: Sal. *Hist.* IV, 61, 1: *Cottam, Romanum ducem, apud Chaleedona fudi.* (a qualidade romana de vencedor adiciona a glória do vencedor)<sup>106</sup>. (MAROUZEAU, 1953: 13)

Como já foi dito, Marouzeau afirma que nas estruturas frasais do latim, as palavras dispõem de certa liberdade, e que os fatores que irão influenciar sua posição são o uso, o sentido, o estilo e o ritmo. Daí, o autor reservar algumas páginas esta obra para descrever o realce por

---

<sup>103</sup> (Cf. MAROUZEAU, 1953, p. 10: “ainsi pour la plupart des épithètes qui l’ont appel aux notions communes de grandeur, de beauté, d’excellence, d’agrément, et leurs contraires: *magnus, paruus, pulcher, turpis, bonus, malus, gratus, ingratus...*”).

<sup>104</sup> (Cf. MAROUZEAU, 1953, p. 10: “c’est-à-dire énoncer un caractère distinctif de l’objet, relatif à sa nature, à sa fonction, à sa position, à sa constitution physique, et qui permet le plus souvent de le ranger dans une catégorie définie; ainsi: *terrestris, maritimus, ligneus, extraneus, legionarius, graecus...*”).

<sup>105</sup> “De même, en latin, un adjectif employé d’ordinaire qualitativement peut prendre, le cas échéant, valeur discriminative: Sall., *Catil.* 51, 27: *Vbi imperium ad ignaros... peruenit, nouum illud exemplum abdignis... ad indignos... transfertur.* (*nouum*, antéposé, neconstitue qu’une simple énonciation)”.

<sup>106</sup> “17. Inversement, un discriminatif peut prendre valeur de qualificatif. (...): Sall., *Hist.* IV. 61, 1: *Cottam, Romanum ducem, apud Chaleedona terra fudi.* (la qualité romaine du vaincu ajoute à la gloire du vainqueur!)”.

inversão e o realce por disjunção, que não vamos desenvolver nesta comunicação por não ser o nosso objetivo propriamente.

### 3. *O corpus*

O terceiro livro dos *Fastos*, *corpus* deste artigo, engloba um total de 884 versos, elaborados em dísticos elegíacos (hexâmetro e pentâmetro), abrangendo o mês de março: *martiusmensis*, o mês que, no antigo calendário, iniciava o calendário romano.

Segundo a tradição, Rômulo, o primeiro rei de Roma, organizou um calendário de natureza lunar; isto é, composto por dez meses, desde Março a Dezembro, num total de 304 dias. Com o primitivo calendário da cidade de Roma, Rômulo resolveu homenagear seu pai mitológico – o deus Marte – honrando-o com este mês que começava em 1 de Março.

*Illeminorgeminusmensibusannus erat.* (Ov., F. 3,100)

(Aquele ano era menor em dois meses).

Mais tarde, Júlio César, numa reforma aconselhada pelo astrônomo Alexandrino Sosígenes, adaptou um calendário com 365,25 dias no ano trópico, que mesmo assim era maior que o ano solar em 11m e 14seg.

Dentre os temas desenvolvidos no terceiro livro dos *Fastos*, podemos destacar: vv.1-8: a invocação ao deus Marte (*Mars*) *Bellice*(o! deus belicoso); vv.9-40: Marte e a Vestal Reia Sílvia, onde Rômulo dá o nome de seu pai mitológico ao primeiro mês do antigo ano e narra o nascimento e a juventude dos gêmeos Rômulo e Remo, filhos do deus Marte e da Vestal Reia Sílvia; vv. 167-258 – 1º de março – dedicado à festa das Matronas – *Matronalia* –; vv. 523-542 – 15 de março – *Idus* – festa dedicada à deusa Ana Perena, com a descrição dos rituais e dos festejos populares, vv. 697-710 – 15 de março – aniversário do assassinato de Júlio César e sua apoteose; vv.809-848 – festa em honra de Minerva – *Quinquatris*, no dia 19 de março.

Analisaremos, particularmente, os versos 285-356, do original latino. A nossa tradução será elaborada dentro de critérios que respeitem, o mais perto possível, a linguagem lírico- poética utilizada pelo autor nos versos deste *corpus*.

O texto latino foi retirado da obra francesa: *OVIDE. Les FASTES*. Traduction nouvelle. Introduction, Notes et texte établis par Émile Ripert. Paris: Librairie Garnier Frères, s/d.

4. *Os fastos: a etiologia do culto a Jupiter Elicius, segundo o Terceiro Livro dos Fastos, de Ovídio*

**O TEXTO LATINO**

**vv. 285-328**

*Ecce deum genitor rutilas per nubila flammās  
Spargit, et effusis aethera siccāt aquis.  
Non alias missi cecidere frequentius ignes:  
Rexpavet, et vulgi pectora terror habet.  
Cuidea: “ne nimium terrere: piabile fulmen  
Est, ait, et saevi flectitur ira Iovis. 290  
Sed poterun tritum Picus Faunusque piandi  
Prodere, Romani numen uterque soli  
Nec sine vi tradent: adhibeto vincula captis”  
Atque ita qua possint, erudit, arte capi.  
Lucus Aventinos uberat niger ilicis umbra 295  
Quo posses viso dicere: Numen in est.  
In mediogramen, muscoque ad opertavirenti  
Manabat saxouena perennis aquae.  
Inde fere soli Faunus Picusque bibebant.  
Hucuenit et fontirex Numa mactatouem 300  
Plenaque odorati disponit pocula Bacchi,  
Cumque suis antro conditus ipse latet.  
Ad solito sueniunt silvestria numina fontes;  
Et relevant multo pector asicca mero.  
Vina quies sequitur: gelido Numa prodit ab antro 305  
Uinclaque sopitas addit in arta manus.  
Somnus ut abscessit, tentando vincula pugnat  
Rumpere; pugnantes fortius illa tenent.  
Tum Numa: “dinemorum, factis ignos cite nostris,  
Si scelus ingenio scitis abes semeo; 310  
Quoque modo possit fulmen monstrate piari.”  
Sic Numa; sic quatiens cornua Faunus ait:  
“Magna petis, nec quae monitu tibi discere nostro  
Fassit: habent fines numina nostra suos.  
Di sumus agrestes, et quido minemur in altis 315  
Montibus; arbitrium est in sua tecta Iovi.*

*Hunc tu non poteris per te deducere coelo:  
 At poteris nostra forsit anusus ope.”*  
*Dixerat haec Faunus: par est sententia Pici;  
 “Deme tamen nobis vincula, Picus ait, 320  
 Iupiter huc veniet, valida deductus ab arte:  
 Nubila promissi Styx mihi testis erit.”*  
*Emissiquid agant laqueis, quae carmina dicant,  
 Quaque trahant superis sedibus arte Iovem,  
 Scire nefas homini: nobis conces sacanentur 325  
 Quaeque pio dicivatis ab ore licet.  
 Eliciuunt coelo te, Iupiter, unde minores  
 Nunc quoque te celebrant Eliciumque vocant.*

### TRADUÇÃO

vv. 285-328

Eis que o pai dos deuses espargue as chamas brilhantes pelas nuvens e seca o céu derramando as águas. Outras vezes, as chamas enviadas não caíram com mais frequência: o rei (Numa Pompílio) fica apavorado e o terror se instala no peito do povo. A deusa (Egéria) disse-lhe: “Não te espantes; o raio pode ser aplacado e a cólera do selvagem Júpiter pode ser abrandada. Mas Pico e Fauno, cada um deles deus do solo romano, poderão ensinar o rito de purificação, mas não o ensinarão semo uso da força. Coloca lhes correntes após capturá-los”. Também Egéria ensina com que artifício eles poderão ser capturados. Havia um bosque no Monte Aventino à sombra de uma azinheira, do qual, ao vê-lo, poderias dizer: “Aqui vive um deus. No meio (do bosque negro), havia relva coberta com musgo verdejante, um veio de água contínuo brotava da pedra. Daí, quase que sozinhos, Pico e Fauno bebiam. O rei Numa Pompílio vem e imola uma ovelha à fonte e arruma copos cheios de vinho perfumado e ele próprio permanece escondido na gruta com seus acompanhantes. Os deuses silvestres vêm à fonte costumeira e refrescam os peitos secos com muito vinho. O repouso acompanha o vinho. Numa sai de dentro da caverna fria e coloca as mãos adormecidas dos deuses nas cordas apertadas. Logo que o sono desapareceu, lutam para romper as cordas que apertam com mais força os que lutavam. Então Numa diz: “Ó deuses dos bosques, perdoai os meus procedimentos se sabeis que o crime está longe do meu caráter. Mostrei-me de que modo o raio possa ser aplacado”. Assim falou Numa. Assim, Fauno, agitando os chifres, respondeu: “Pedes grandes coisas as quais não te é lícito aprender pelo nos-

so conselho, os nossos poderes têm seus limites. Nós somos deuses agrestes e reinamos sobre as altas montanhas, O arbítrio cabe a Júpiter sobre seus raios. Tu não poderás trazê-los do céu por ti; mas tu poderás talvez fazê-los, usando nosso auxílio.” Fauno dissera estas palavras. Uma sentença igual dissera Pico: “Retira-nos as cordas. Júpiter virá aqui e será trazido por um artifício rigoroso. O sombrio Estige (Styx) será testemunha de minha promessa.” É proibido ao homem saber o que eles (Pico e Fauno) farão libertados dos laços, que versos dirão e com que sortilégio trarão Júpiter das regiões superiores. Que sejam celebradas as coisas permitidas a nós e que as coisas que são lícitas sejam ditas pela boca piedosa do poeta. Ó Júpiter, eles te trazem do céu donde os pósteros agora também te celebram e te chamam pelo nome de Elício.

##### 5. Os Fastos: O diálogo entre Júpiter Elício e Numa Pompílio

###### O TEXTO LATINO

vv. 329-356

<i>Constat <u>Aventinae</u> tremuisse cacumina siluae,</i>	330
<i>Terraque subsedit pondere <u>pressa</u> Jouis:</i>	
<i>Corda micant regis: totoque e pectore sanguis</i>	
<i>Fugit et <u>hir sutae</u> deriguere comae.</i>	
<i>Ut rediit animus: “Da <u>certa</u> piamina, dixit,</i>	
<i>Fulminis; <u>altorum</u> rexque paterque deum,</i>	335
<i>Si tua contigimus manibus donaria <u>puris</u>,</i>	
<i>Hoc quoque, quod petitur, si <u>pia</u> lingua rogat.”</i>	
<i>Adnuít oranti: sed verum ambage <u>remota</u></i>	
<i>Abdidit, et <u>dubio</u> terruit ore virum:</i>	
<i>“Caede caput”, dixit. Cui rex : “Parebimus”, inquit,</i>	340
<i>Caedenda est hortis eruta cepa meis.”</i>	
<i>Addit hic : “Homini”. – “<u>Summos</u>, ait ille, capillos.”</i>	
<i>Postulat hic animam; cui Numa: “Piscis”, ait.</i>	
<i>Risit; et: “His, inquit, facito, mea tela procures,</i>	
<i>O vir colloquio non abigende meo.</i>	345
<i>Sed tibi, protulerit cum totum <u>crastinus</u> orbem</i>	
<i>Cynthius, imperii pignora <u>certa</u> dabo.”</i>	
<i>Dixit, et <u>ingenti</u> tonitru super aethera motum</i>	
<i>Fertur, adorantem destituitque Numam.</i>	
<i>Ille redit <u>laetus</u>, memor atque Quiritibus acta:</i>	350
<i><u>Tarda</u> venit dictis <u>difficilis</u>que fides.</i>	
<i>“At certe credemur, ait, si verbas equatur</i>	



*Exitus: en, audi crastina, quisquis ades.  
 Protulerit terris cum totum Cynthius orbem,  
 Juppiter imperii pignora certa dabit.” 355  
 Discedunt dubii, promissaque tarda videntur,  
 Depend etque fides aveniente die.*

## TRADUÇÃO

vv. 329-356

Consta que as elevações da floresta do Monte Aventino tremeram e que a Terra abaixou esmagada pelo peso de Júpiter. O coração do rei Numa treme: e, de todo o seu peito, o sangue fugiu e os seus cabelos erigeram-se eriçados. Quando o seu ânimo voltou, Numa disse: “Mostre, ó Júpiter, as formas corretas de expiação dos raios, ó rei e pai dos deuses superiores. Se tocamos o seu santuário com as mãos puras, conceda isto também que é pedido, se uma língua piedosa o suplica”. Júpiter atendeu ao suplicante, mas ocultou a verdade com estranho enigma, e aterrorizou o homem com uma palavra duvidosa: “Corte uma cabeça; disse Júpiter. O rei Numa disse-lhe: “Obedecerei. Uma cebola de minha horta deve ser cortada”. Júpiter acrescentou estas palavras: “de um homem”. Disse o rei: “As partes mais elevadas do cabelo”. Júpiter solicita uma vida. Numa diz-lhe:” de um Peixe”. Júpiter riu e disse: “Faça isto e procure meus raios, ó homem, que não deve ser privado de minha resposta. Mas, pela manhã, quando Cíntio tiver exibido todo o círculo solar, eu lhe oferecerei as garantias certas do seu poder supremo.” Júpiter proferiu estas palavras e é levado agitado através do céu por um imenso trovão e abandonou Numa que o adorava. Numa Pompílio volta alegre e relata os feitos aos Quirites. A crença em suas palavras chegou tardia e dificilmente. Mas, sem dúvida, acreditaremos se o sucesso seguir as palavras proferidas. Amanhã, ouça aqui as palavras quem quer que esteja presente. Quando Cíntio tiver revelado toda a sua luz na minha terra, Júpiter oferecerá as garantias seguras do meu poder supremo.” Afastam-se os descrentes e as promessas parecem tardias. A fidelidade depende do dia que virá.

### **Análise do texto latino (VV. 285-328.)**

A disposição do termo determinante (Dte), antes do substantivo, o termo determinado (Ddo), o adjetivo, em disjunção tem como objetivo primordial realçar a importância do adjetivo anteposto ao seu substantivo.

vo; no verso 285, o adjetivo “**rutelas**”, em acusativo plural, põe em evidência a coloração avermelhada, brilhante que fora esparcida por um deus que, no texto ovidiano é, simplesmente, Júpiter Elício, o deus que vem do alto; no v. 286, o adjetivo “**effusis**”, em ablativo plural, em disjunção com o substantivo, termo determinado (Ddo) que lhe é posposto “**aquis**” desempenha, também, a função de realce; no v.287, encontra-se mais uma disjunção – adjetivo/substantivo (Dte/Ddo) que, a partir do início do Império, surge na poesia, como um procedimento expressivo.

Observa-se, nestes versos, que o termo determinado (Ddo), em posição final, tanto no hexâmetro quanto no pentâmetro, têm valor antagônico: v.285 “**flammas**”; v.286 “**aquis**”, v. 287 “**ignes**”. Estes vocábulos – **flammas/aquis/ignes**– não foram colocados pelo poeta de forma aleatória na frase; suas posições têm um significado determinado na oração. Em latim, os sintagmas nominais são muito flexíveis, desta forma, os adjetivos não são dispostos aleatoriamente em qualquer posição – ou antes ou depois do substantivo, ao qual estão ligados. Marouzeau(1922: 4), nos diz “que a construção da frase é determinada pelas leis da associação de ideias..., que faz com que a construção da frase se regule, às vezes, na ordem de importância das ideias; é a ordem patética.”

Esta ordem patética observa-se nos versos supracitados, com a colocação dos substantivos (Ddo) na posição final das frases, posposto aos seus respectivos adjetivos carregados de uma forte significação. No v. 290, “**saeui... Jouis**”, o adjetivo atributivo –“**saeui**” determina, neste sintagma nominal, uma qualificação, exprime um julgamento de valor a “**Jouis**”, em genitivo. Júpiter mesmo sendo um deus do panteon romano, é selvagem; no v. 292 – “**Romani ...soli**”(em genitivo), observa-se o adjetivo étnico –“**Romani**” – de valor discriminativo que, neste sintagma nominal, ocupa a segunda posição na frase, no hexâmetro. O adjetivo refere-se às divindades “*Picus et Faunus*”, citadas no verso anterior. No verso 295, hexâmetro, “*Auentino*”, adjetivo, em ablativo, onde há neste sintagma, a omissão do termo determinado (Ddo), o substantivo “*Mons*”. O adjetivo discriminativo “*Auentino*” determina o local exato do monte; no mesmo hexâmetro, “*Lucus*”, anteposto ao adjetivo, tem como atributivo o adjetivo “*niger*”, posposto ao determinante caracterizando-o através da cor. Os sintagmas nominais, “**gramen... adoperta**”/“**musco... uirenti**”, no v. 297, em hexâmetro, à primeira vista, podem parecer forma livre, adotada pelo poeta, mas a ordem das palavras dá-se pela metrificacão do verso, que dispõe o termo determinado (Ddo) apostado ao determinante (Dte). Esta colocação é verificada por ser um texto de cunho poéti-

co. Observa-se a mesma estrutura, a serviço da forma versificada, no v. 299.

Segundo Botelho (2018, p. 21), “Panhuís (1982, p. 1) na introdução de sua obra, depois de se referir a diferentes posicionamentos de vários teóricos acerca da ordem de palavras em latim, considerando a retórica e a poética, afirma que os padrões sintáticos não são tratados de forma direta. Segundo o autor, a liberdade de ordenação desses padrões sintáticos permite ao autor se comunicar de forma mais eficaz”.

O adjetivo qualificativo “**perennis**”, no hexâmetro, v. 298, está ligado ao seu determinado “**aquae**” por uma dependência natural, numa relação estereotipada.

O poeta dispôs, no v. 299, o sintagma nominal “**solí Faunus Picusque...**” não só pela métrica como também para destacar a fragilidade das divindades através do determinante (Dte) “**solí**” (“sozinhos”). No hexâmetro 301, o termo determinado do sintagma “**odorati... Bacchi**” foi empregado estilisticamente na forma de metonímia, referindo-se ao deus do vinho, empregando-o como o próprio líquido, o qual é qualificado pelo adjetivo (Dte) “**odorati**”; vinho este que está contido em uma “**Ple-na... pocula**”. Há no grupo sintático, v. 302, “**conditus ipse**”, a omissão do termo sujeito – “**rex Numa**”, que é resgatado pelo pronome anafórico, intensivo “**ipse**” – em nominativo masculino –, colocando em destaque a pessoa do sujeito omitido na frase latina do v. 302 – Numa Pompílio. Não há, neste grupo sintático, disjunção entre o determinante e determinado que, semanticamente, compõem a estrutura frasal de predicativo do sujeito, sujeito e verbo – **latet** –, privilegiando o verbo na última posição.

“**Adsolitos... fontes**”, v.303, há, neste sintagma, a disjunção na qual o termo determinante se posiciona na segunda posição frasal e o termo determinado no final da frase, enquanto o grupo sujeito encere-se entre estes termos, sem disjunção. No v. 304 “**pectora sicca**” não há nessa estrutura frasal, a disjunção dos termos determinante e determinado. O substantivo “**pectora**”, nesse sintagma, encontra-se na posição de importância, destacando a parte corporal do sujeito – “**silvestria numina**” – no v. 303. O determinante, em disjunção com o determinado, no v. 305 – “**elido ...ab antro**” (de dentro da caverna fria) tem o objetivo de destacar a situação climática do lugar onde Numa, o sujeito encontra-se; “**gélido**”, realça a característica do lugar “**ab antro**”.

Na estrutura frasal do v. 306, encontra-se a disjunção do adjetivo (determinante) “**sopitas**” (em acusativo sg), anteposto ao substantivo

“**manus**”, consagrando o caráter de importância na frase, em contrapartida, no sintagma “**uincla... in arta**”, há a disjunção com o termo determinado, ocupando a posição inicial na frase. O determinante “**fortius**”, no grau comparativo de superioridade, refere-se a “**sopitas... manus**”.

O determinante – “**Magna**” –, v. 313, com seu valor qualitativo, em acusativo, nesse sintagma, não se relaciona com seu determinado, que se encontra oculto na frase. No sintagma nominal, “**Di sumus agrestes**” do v. 315, o adjetivo assumiu valor excepcional com predicativo – “**agrestes**” – de “**Di**” e completando o verbo de ligação “**esse**” (**sumus**), que assume a segunda posição no hexâmetro, separando o sujeito do seu predicado. O adjetivo, determinante por excelência, exprime, neste sintagma nominal, um julgamento de valor. Os deuses são valorizados por serem agrestes.

No sintagma nominal do v. 315, “**Di sumus agrestes**”, o adjetivo “**agrestes**” assume o valor excepcional como predicativo do nominativo plural “**Di**”, completando o verbo de ligação “**esse**” (**sumus**), que assume a segunda posição na frase, separando o sujeito do seu predicado. O adjetivo, determinante por excelência, exprime, neste sintagma nominal, um julgamento de valor. Os deuses são valorizados por serem “**agrestes**”.

Nos versos vv. 315/6 “**in altis... montibus**”, em ablativo plural, o adjetivo tem valor quantitativo. Em v. 319 – “**par est sententia**” o adjetivo qualificativo “**par**” (“igual”) anteposto ao determinado, confirma a ordem dominante do sintagma nominal, onde o adjetivo precede ao substantivo.

Em “**ualida... ab arte**”, o adjetivo qualificativo “**ualida**”, em ablativo singular (“rigoroso”), anteposto ao substantivo (“**arte**”), exprime elogio, um julgamento de valor ao deus Júpiter, que, no v. 321, inicia o hexâmetro, em conformidade com a afirmação de Marouzeau (1953: 10): “em latim, como em francês, o qualificativo tende a preceder; o discriminativo, a seguir o substantivo<sup>107</sup>”.

Em “**promissi Styx**”, no v. 322, o determinante (Dte) “**promissi**” (“sombrio”) exprime uma impressão, uma apreciação subjetiva, um caráter qualificativo do poeta em relação ao “**Styx**”, o lago dos infernos.

No v. 323 – o determinante (Dte) “**Emissi**”, destacado no início do hexâmetro, refere-se aos deuses “**Faunus et Picus**” elíptico no verso. O

---

<sup>107</sup> “4. En latin, comme du reste en français, le qualificatif tend à précéder, le discriminatif à suivre le substantif.

adjetivo qualificativo anteposto ao determinado, emprega ao substantivo o valor crítico.

Em “**Superissedibus**”, do v.324, o adjetivo (Dte)“**superis**”,no graucomparativo, exprime um julgamento de valor ao determinado, posicionado no final do pentâmetro.O deus “**Jupiter**”,rei dos deuses, será trazido das regiões superiores (“**superis**”).

No sintagma nominal“**pio...ab ore**”, do v. 326, com disjunção, o determinante “**pio**”, anteposto ao determinado exprime elogio ao substantivo.

No v. 327 –“**minores**”, determinantenno grau comparativo e em acusativo, refere-se aos romanos, termo determinado elíptico no texto, e exprime uma faculdade afetiva, um valor, um elogio do poeta para com os romanos.

### Análise do texto latino (VV 329 A 356)

“**Aventinae**”, do v. 329, é um sintagma nominal discriminativo que limita e especifica um espaço.O termo “**Aventinae**”, com o determinado “**Mons**” elíptico no verso, forma um único sujeito oracional. Esse determinante é um adjetivo derivado de um nome próprio de lugar. É um dos sete montes (colinas) de Roma.

Segundo Rubio (1972, p. 199), “todo elemento determinante precede normalmente o determinado, já que é a lei única para todas as variantes do sintagma determinativo. Nos versos: “...; **et hirsutae... come**” (v. 332), “...**alorum ... deum**” (v. 334), “**dubio...ore**” (v. 338), “**summos... capillos**” (v. 341), “**Tarda ... fides**” (v. 350), há o realce do determinante por disjunção com o objetivo de destacar o adjetivo anteposto ao determinado.

Rubio (*Ibidem*: 199, §3), em que trata da “Ordem das palavras: regras gerais e seu alcance”, afirma que “normalmente, o sujeito encabeça a frase e o predicado a encerra”. Esta assertiva se pode constatar no v. 349 “**Illereditlaetus**”,em que o sujeito pronominal, o demonstrativo “**Ille**”, de terceira pessoa,encabeça o sintagma e o determinante“**laetus**” o encerra.

Em “**Addidit hic**”, no v. 341, há a omissão do termo sujeito – Júpiter – por ser possível subtendê-lo no texto. No v.355, observa-se a o-

missão do determinado elíptico na frase “**romanus**”, também por ser possível de sua identificação no texto.

De fato, quando a linguagem está a serviço da forma versificada como ocorre no texto poético e em especial na poesia latina, um elemento específico para a determinação da ordem das palavras se torna fundamental: a metrifcação, que faz com que a construção da frase seja considerada em função da estrutura métrica em detrimento da estrutura sintática esperada – aquela que justificaria a ordem natural da língua. (BOTELHO, 2018, p. 21)

Nos versos 346 e 354, ambos em pentâmetro, pode-se registrar a colocação dos termos oracionais em função da metrifcação.

“*Cynthius, imperiipignora certa dabo.*” (v.346).

“*Jupiterimperiipignora certa dabit*” (v. 354).

Os qualificativos “*pia*” (v. 336), “*ingenti*” (v. 347), “*eruta*” (v.340) realçam a importância do adjetivo anteposto ao substantivo empregando a este uma propriedade afetiva de elogio.

Nos versos 330, 337, 335 e 355, o sintagma nominal apresenta o determinado anteposto ao determinante, agregando a este um valor de destaque na frase. Neste caso, inverteu-se a ordem dominante do sintagma.

“*Terra... pressa.*” (v.330)      Nominativo singular

“*...ambage remota*” (v.337)      Ablativo singular

“*... manibus ...puris*” (v.335)      Ablativo plural

“*promissaque tarda*” (v. 355)      Nominativo plural

Nos versos 346 e 352 o adjetivo qualificativo “*crastimus/crastina*” apresenta-se anteposto em relação ao determinado.

## **6. Considerações finais**

A ordem dos termos na frase em latim não era obrigatória na língua literária, mas não se pode negar a existência de uma padronização relativa na colocação dos termos, especialmente na prosa, como muitos estudiosos descobriram.

Embora os autores orientadores da pesquisa tenham declarado que, em latim, a ordem das frases nominais havia sido divulgada

(substantivo e adjetivo), em Ovídio não encontramos tal estrutura. O poeta segue uma padronização de posição em seus versos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLATT, Franz. *Précis de Syntaxe Latine*. Paris: IAC, s/d.

BOTELHO, José Mario. *Colocação de palavras dos sintagmas nominais em odes de Horácio: uma abordagem sintático-estilística*. Tese (Doutorado) – UFRJ / FL / Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2018.

\_\_\_\_\_. *Pequeno dicionário de latim-português*. 3. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

\_\_\_\_\_. Aspectos morfossintáticos do participio. In: *Revista Philologus*. Ano 17, n. 51 set/dez, 2011. Rio de Janeiro: CiFEFFiL, 2011. p. 45-65

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Festas romanas: da época dos reis ao advento do cristianismo*. Palestra proferida no VI Congresso da SBEC. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005

CLIMENT, Mariano Bassols de. *Sintaxis latina*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1956.

ERNOUT, Alfred; THOMAS, François. *Syntaxe latine*. Paris: Klincksieck, 1934.

FORTES, Fábio da Silva. A ordem das palavras na sentença latina: pontos de interface no discurso metalinguístico antigo. In: *Clássica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos*. Vol. 21, n. 2. julho/dezembro, Belo Horizonte-MG, Brasil, 2008. p. 239-51

GAFFIOT, F. *Dictionnaire Latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 4. ed. Trad. de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000.

LOPES, Eliana da Cunha. *Heroides XVI e XVII de Ovídio: um hino de amor*. Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Latinas. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1993.

MAROUZEAU, Jules. *A ordem das palavras em latim*. Trad. José Mário Botelho. 1. ed. Título original: *L'orde dès mots em latin* (1953). Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

\_\_\_\_\_. *L'orde des mots dans la phrase latine*. Vol. III. Les articulations d'énoncé. Paris: les Belles Lettres, 1949.

- \_\_\_\_\_. *L'ordre des mots en latin*. Paris: Les Belles Lettres, 1953.
- \_\_\_\_\_. *Traité de stylistique latine*. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres. 1946. p. 322-335
- \_\_\_\_\_. *Dictionnaire culturel de mythologie grec romaine*. Paris: Éditions Nathan, 1992.
- NOUGARET, Louis. *Traité de métrique latine classique*. 3. ed. Paris: Klincksieck, 1963.
- OVID. *Fasti. With English translation by James George Frazer*. Cambridge: Harvard University Press, 1996.
- OVIDE. *Les Fastes. Traduction, introduction et notes par E. Ripert*. Paris: Garnier, 1934.
- OVIDE. *Les Fastes. Traduction et annoté par Henri Le Bonniec*. Préface de Augusto Fraschetti. Paris: Les Belles Lettres, 1990.
- RIPERT, E. *Ovide poete de l'amour, des dieux et de exil*. Paris: Armand Colin, 1921.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 11. ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino-português*. 7. ed. Porto: Gráficos Reunidos. s/d.